

ESCRITA ACADÊMICA EM ARTIGOS CIENTÍFICOS: AUTOCITAÇÃO EM DIFERENTES ÁREAS DISCIPLINARES

ESCRITURA ACADÊMICA EN ARTÍCULOS CIENTÍFICOS: AUTOCITA EN DIFERENTES ÁREAS DISCIPLINARIAS

ACADEMIC WRITING IN SCIENTIFIC ARTICLES: SELF-CITATION IN DIFFERENT DISCIPLINARY AREAS

Adriana FISCHER¹
Klara Marcondes FERREIRA²
Rochele da SILVA³

RESUMO: O presente artigo analisa a presença da autocitação em dez artigos científicos mais citados de duas áreas de conhecimento - Medicina Geral e Linguística – os quais foram publicados por autores brasileiros no período de 2015 a 2019. O foco recai sobre funções e sentidos da autocitação na escrita acadêmica, além de problematizar a inserção dos pesquisadores em práticas de letramentos acadêmicos. Os dados indicam que a autocitação, assim como a citação de outrem, é um recurso recorrente na produção de pesquisadores experientes, com objetivos de valorizar trabalhos contínuos dentro de um mesmo grupo de pesquisa e de promover um caráter de confiabilidade frente ao leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Autocitação. Letramentos acadêmicos. Escrita acadêmica. Artigos científicos.

RESUMEN: Este artículo analiza la presencia de la autocita en diez artículos científicos más citados en dos áreas de conocimiento - Medicina General y Lingüística - que fueron publicados por autores brasileños de 2015 a 2019. El foco está en las funciones y significados de la autocita en la escritura académica, además de problematizar la inserción de los investigadores en las prácticas de alfabetización académica. Los datos indican que la autocita, así como la cita de otros, es un recurso recurrente en la producción de investigadores experimentados, con el objetivo de valorar el trabajo continuo dentro de un mismo grupo de investigación y promover un carácter de confiabilidad frente al lector.

PALABRAS CLAVE: Autocita. Alfabetizaciones académicas. Escritura académica. Artículos científicos.

¹ Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau – SC – Brasil. Docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutorado em Linguística (UFSC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9787-2814>. E-mail: adrfisher@furb.br

² Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau – SC – Brasil. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3684-5200>. E-mail: klara.marcondesf@hotmail.com

³ Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau – SC – Brasil. Graduada em Letras – Português/Inglês. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1621-0136>. E-mail: rocheles@furb.br

ABSTRACT: *This article analyzes the presence of self-citation in ten most cited scientific articles from two areas of knowledge - General Medicine and Linguistics - which were published by Brazilian authors in the period from 2015 to 2019. The focus is on the functions and meanings of self-citation in writing and problematizing the insertion of researchers in academic literacy practices. The data indicate that self-citation, as well as the citation of others, is a recurrent resource in the production of experienced researchers, with the objective of valuing continuous work within the same research group and promoting a character of reliability to the reader.*

KEY-WORDS: *Self-citation. Academic literacies. Academic writing. Scientific articles.*

Introdução

A discussão sobre autocitação em artigos científicos tem chamado a atenção de pesquisadores de distintas áreas nos últimos anos. Além dos estudos bibliométricos que nos apresentam análises de impacto e relevância, diferentes olhares são oferecidos sobre o assunto (HYLAND; JIANG, 2018). Hyland (2003) traz uma reflexão sobre as redes sociais amplas que estão nos bastidores da atual competitividade do mundo acadêmico, que busca reconhecimento e investimentos. Dessa forma, aproximamos os estudos de autocitação e letramentos acadêmicos (LEA; STREET, 1998; 2006; LILLIS, 2008; CURRY; LILLIS, 2016; OLIVEIRA, 2012; FUZA, 2016) na investigação sobre os modos de escrita de pesquisadores de distintas áreas do conhecimento, sem esquecer das relações de poder e do contexto institucional no qual os autores estão envolvidos. Para realçar, compreendemos os letramentos acadêmicos, de acordo com Lea e Street (1998; 2006) como conjunto de práticas sociais, em contexto acadêmico-científico, as quais são flexíveis, incluem leituras e escritas diversas e se constituem em virtude de relações epistemológicas, de poder, de identidades e de sentidos.

Em consonância com essas considerações iniciais, o presente trabalho analisa a presença da autocitação em dez artigos científicos mais citados de duas áreas de conhecimento - Medicina Geral e Linguística – os quais foram publicados por autores brasileiros no período de 2015 a 2019. Para isso, olhamos para a escrita acadêmica em artigos científicos com o intuito de compreender funções e sentidos da autocitação, além de problematizar a inserção dos pesquisadores em práticas de letramentos acadêmicos. Consideramos, ainda, que a autocitação, assim como a citação de outrem, é um fenômeno recorrente na produção acadêmica, pela necessidade dos diálogos com os outros e com os conhecimentos da área científica. O objetivo apresentado é, dessa forma, coerente com a concepção de letramentos acadêmicos, na perspectiva sociocultural (LEA; STREET, 1998; 2006), em contextos universitários, para ressaltar a natureza especializada das linguagens e dos textos que são veiculados e que

oportunizam a construção do saber, dos papéis sociais de estudantes, de professores e de pesquisadores, bem como das relações estabelecidas com o conhecimento.

Este trabalho, portanto, justifica-se por compreender os discursos de pesquisadores em torno da linguagem, em distintas áreas de conhecimento, Medicina Geral e Linguística, que compõem periódicos de impacto. O olhar para a escrita acadêmica e para o processo de autocitação vem acompanhado de benefícios amplos para a Educação e todos os campos disciplinares, abarcando os percursos que pesquisadores, em diálogo com o Ensino Superior, trilham ao buscar a inserção em práticas de publicação científica. Isso é reforçado, com o sistema de avaliação de periódicos, no Brasil, em fase de mudanças, migrando para compreensão do fator de impacto como uma das formas diretas de classificação desses periódicos (CAPES, 2019). A inserção nas práticas de publicação científica não se relaciona apenas com desejos individuais por compartilhar resultados de pesquisa, mas também com uma coerção estrutural pela publicação em revistas de alto fator de impacto, o que exige um olhar mais profundo em torno da escrita acadêmica. Em acréscimo, muitos pesquisadores da grande área de Educação atuam, em parcerias, com distintas áreas de conhecimentos e com elas oportunizam interlocuções que incluem o funcionamento das diferentes linguagens desde a Educação Básica até o Ensino Superior.

Material e método

O material de análise neste trabalho conta com dez artigos da área de Linguística e dez artigos da área de Medicina Geral. Em encontros com os grupos dos projetos Universal CNPQ 2018 e CAPES PRINT UNESP a principal preocupação, ao longo de um ano (2019), foi a definição de critérios para a seleção dos artigos científicos, visto que não queríamos uma seleção aleatória para esta pesquisa científica. Para encontrarmos a melhor forma de seleção de artigos, foi necessário, primeiramente, ter um entendimento mais aprofundado sobre as bases de dados. Realizamos treinamentos e orientações com bibliotecários de diferentes instituições envolvidas nos projetos indicados. Debruçamo-nos para compreender que não há uma classificação oficial sobre as áreas de conhecimento e que cada base de dados possui uma forma específica de organização. Para exemplificar, buscamos, ao longo de 2019, compreender o significado de fator de impacto, índice H e relevância, que as bases utilizam para classificar e ordenar os resultados das buscas. Após diversas tentativas, optamos pela utilização da plataforma *Web of Science*, e selecionamos todas as bases: *Web of Science Core Collection*, *Derwent Innovations Index*, *KCI-Korean Journal Database*, *Russian Science Citation Index e*

SciELO Citation Index. Para a seleção dos artigos em Linguística, a busca avançada foi realizada pela área *Linguistics*, no período entre 2015 e 2019, considerando artigos escritos por brasileiros (o filtro por país/região se refere ao endereço do autor e não ao periódico ou idioma que o artigo foi publicado). Para os artigos de Medicina foram utilizados os mesmos critérios de período e região, aplicados na área *General & Internal Medicine*. A opção por Linguística é o fato de se valer das linguagens como objetos de estudo e que, diretamente, tem dialogado com a área da Educação, seja na condução e publicação de pesquisas, seja nas formações de professores. A Medicina, por sua vez, por se tratar de uma área em que há muitos periódicos com alto fator de impacto, com grande relevância socialmente, com uma vasta história de parcerias nacionais e internacionais, que desafiam a publicação, sempre, em periódicos muito visibilizados e lidos pelo mundo.

Os dez artigos de cada área foram numerados de acordo com a sequência em que apareceram na nossa busca, do mais citado ao menos citado. Neste trabalho, referenciamos diretamente os trabalhos com autocitação de cada área. Portanto, os trabalhos de Linguística serão mencionados, individualmente, da seguinte forma: L3, L4, L5, L6 e L7. Os de Medicina, por sua vez, serão chamados de: M1, M3, M6, M7 e M10. Conforme se pode notar, apenas cinco artigos de cada área possuem autocitação, logo, este conjunto de artigo representa o objeto de estudo no presente trabalho.

Reflexões teóricas - diálogos com o objeto de estudo

Apesar da similaridade, as duas áreas de conhecimento em análise possuem o mesmo número de artigos com autocitação, dentre os artigos selecionados, o uso deste recurso é diverso, mesmo no interior de cada área isoladamente. Buscamos os conceitos de funcionamento da citação, tratados por Boch e Grossmann (2002) e por Rodrigues (2018), na relação com o discurso do outro, a fim de compreender funções e sentidos da autocitação - um tipo específico de citação - na escrita acadêmica. Segundo esses estudos, podemos dividir as formas de referência ao outro, no discurso escrito, em duas categorias: evocação e discurso relatado. Na evocação, há apenas a menção a autores e trabalhos, sem necessariamente resumir seu conteúdo. No discurso relatado, temos a síntese ou excertos de outros trabalhos, dividindo-se em três categorias: reformulação, em que, quem escreve, reformula, a sua maneira, o conteúdo trabalhado por outro autor; a presença do outro é referenciada, seja pelo uso do nome e ano do autor ou pelo número correspondente da referência; não se utilizam aspas ou itálico. A citação, por sua vez, é um recorte extraído assim como se encontra em outro trabalho; pode

ser sinalizado com aspas, itálico ou bloco tipográfico. Por fim, há a ilhota citacional, em que há o uso de aspas, itálico ou outra marcação para vozes dos outros no texto, de modo a fazer a integração de um conceito de outrem com o trabalho de quem escreve, o que vem por meio de poucas palavras ou expressões, diferentemente da citação.

Num primeiro momento, tivemos dúvidas quanto à maneira de classificarmos as autocitações dentro da nomenclatura proposta, considerando as diferenças entre as normas ABNT e a Vancouver, presentes em nosso *corpus*. Os autores citados discorrem sobre as formas de menção com exemplos que remetem a normas em que temos o nome dos autores referenciados no próprio corpo do texto, como é o caso da ABNT. Na norma Vancouver, que é utilizada nos artigos de Medicina, a referência é sinalizada por meio de números no corpo do texto. Acerca das diferenças entre as normas citadas, consultamos material comparativo disponível no site da biblioteca da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Com o auxílio desse material, conforme continuamos analisando essas ocorrências, percebemos que a intenção de cada forma de menção se fazia presente em todo o *corpus*. A evocação, por exemplo, na norma ABNT será identificada pela evocação de nomes, enquanto na norma Vancouver teremos a evocação de números. Apesar dessa diferença de escrita, a intenção de evocar é a mesma: mencionar trabalhos anteriores sem sintetizar seu conteúdo. O mesmo acontece na reformulação, em que há menção do nome do autor no texto seguindo as normas ABNT, enquanto no texto que utiliza Vancouver o autor que foi reformulado é sinalizado pelo seu número correspondente nas referências; contudo, o intuito da reformulação, que é a síntese de um processo presente em outro trabalho, formulado em outras palavras, permanece em ambos os casos. No caso da ilhota citacional e da citação, esses fenômenos são sinalizados com aspas ou bloco tipográfico em ambas as normas, portanto estão consonantes com a explanação proposta. Sendo assim, concluímos que a utilização das nomenclaturas propostas por Boch e Grossmann (2002) e Rodrigues (2018) seriam pertinentes em nosso trabalho, independente da norma presente em cada artigo analisado.

Boch e Grossmann (2002) trazem ainda a questão de que, em trabalhos de especialistas – pesquisadores experientes, se comparados a trabalhos de iniciantes, a recorrência maior nas citações é a de evocação e reformulação. Os autores refletem sobre esta ser uma situação natural no processo da escrita, sendo que a habituação com as peculiaridades da escrita acadêmica acontece gradualmente. Hyland (2017, p. 10) afirma que nas *hard sciences*, como a Medicina, os autores tendem a minimizar suas presenças por meio da referência a seres inanimados ou com o uso de tabelas e gráficos que comunicam o necessário. Relacionamos, assim, esse “distanciamento” à citação em bloco tipográfico, no sentido de deixar essa voz mais explícita.

Ainda que haja diálogo com as ideias ali trazidas, há uma menor interferência no diálogo com o outro, segundo o autor referido.

Outra questão que problematizamos em nosso *corpus* é referente à inserção dos pesquisadores em práticas de letramentos acadêmicos. De acordo com Street (2003), as práticas de letramento envolvem uma questão cultural “das formas específicas de pensar e de fazer a leitura e a escrita dentro dos contextos culturais”. Assim, para a referida análise, nos pautamos em Hyland (2003; 2017; 2018), acerca do funcionamento da escrita acadêmica em distintas áreas do conhecimento, em Gee (2008), em torno de práticas de letramentos, e em Bourdieu (1996), sobre o capital social. Apesar de o primeiro autor não ser propriamente parte do grupo de conhecidos especialistas dos Estudos dos Letramentos, tendo foco nas áreas do discurso acadêmico, escrita em segunda língua e inglês para propósito acadêmico, suas abordagens dialógicas e sociais problematizam os discursos disciplinares, os modos da escrita acadêmica provindo de grupos, o que nos traz a reflexão sobre modos de ler e escrever na perspectiva sociocultural, sobre como a autocitação poderia representar modos de expressão de grupos específicos. Gee (2008) aborda questões específicas sobre letramentos e sobre as condições de *insider* e de *outsider*, relacionadas àquele que se insere em uma prática social que envolve a escrita e a leitura, como um processo de pertencimento a esses grupos. Unimos, por fim, essas abordagens às perspectivas de Bourdieu (1980) sobre o capital social que corresponde à uma espécie de lucro, vantagem, obtidos por meio da união de grupos sociais que se fortalecem em relações de trocas, para refletir sobre a formação de grupos de pesquisadores na construção de artigos que incluem autocitação.

Um percurso acadêmico-científico legitimado

Nos artigos selecionados no presente trabalho, em ambas as áreas, as formas de autocitação, em sua maioria, acontecem por meio da evocação e reformulação, corroborando com as pesquisas citadas, considerando-se que os artigos selecionados são escritos por autores especialistas. Porém, apesar da similaridade tanto na escolha quanto na forma de se autocitar, há diferenças consideráveis na quantidade de ocorrências de uma área para outra. Em Linguística tivemos, na autocitação, três casos de evocação e onze ocorrências de reformulação. Em Medicina, encontramos cinco casos de evocação e 305 ocorrências de reformulação. Essa grande diferença numérica nos casos de reformulação entre as áreas, se deve, em parte, pela presença do artigo M1, que é bem mais extenso que os outros e traz 44 autores. Falaremos mais desse artigo de modo específico adiante. Ainda referente aos modos de abordagem do outro, de

Boch e Grossmann (2002), no quesito citação, apenas um trabalho, na área de Linguística, traz um excerto de citação, com uso de bloco tipográfico. Em Medicina, nenhum artigo apresenta esse recurso na autocitação. Quanto ao emprego da ilhota citacional, foi encontrada uma ocorrência em um artigo de Linguística e outra em um artigo de Medicina.

Uma das abordagens de Hyland (2003) em torno da presença do eu nos artigos científicos, aponta para a autocitação como uma ferramenta que permite ao autor fazer ligação com outras pesquisas suas, de modo a legitimar seu trabalho na área e ainda auxiliar o leitor na construção de um perfil de pesquisador.

(1) Excerto do artigo L3 - 11. “Os trechos das entrevistas que aparecerão nas análises deste artigo fazem parte do projeto de doutoramento de **Beatriz Furtado Alencar Lima**, sob a orientação de **Izabel Magalhães**. O projeto vincula-se ao Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC e foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFC: ofício número 185/11, protocolo COMEPE, número 134/11” (LIMA; MAGALHÃES, 2019, p. 10, grifo nosso).

Essa evocação, presente do artigo L3, aparece em nota de rodapé no item “Metodologia” do artigo em questão. Além de ser uma explicação da origem das entrevistas que são utilizadas no trabalho, essa manobra, ainda que sutil, permite que o leitor possa visualizar um comprometimento com o assunto abordado por parte das autoras que é presente já em trabalhos anteriores. No mesmo artigo temos outra ocorrência de autocitação:

(2) Excerto do artigo L3 - “Para isso, analisaremos textos de duas entrevistas realizadas que fizemos com ela, no contexto de uma pesquisa discursiva crítica de caráter etnográfico, seguindo os preceitos teórico-metodológicos preconizados por **Magalhães (2000)**, Resende (2009) e Rios (2009).” (LIMA; MAGALHÃES, 2019, p. 11, grifo nosso).

Ainda no item “Metodologia” do artigo, há o recurso de evocação, conforme parte em destaque, dessa vez apenas de Magalhães e no corpo de texto, fazendo alusão a um trabalho anterior, juntamente com evocação de outros autores. Neste caso, mesmo que num contexto diferente do anterior, que justificava a origem de material analisado, os dados indicam a conexão com este outro trabalho que repercute no atual, de forma implícita.

Nos artigos de Medicina encontramos situação semelhante. No excerto abaixo, retirado do artigo M6, na seção “Methods”, também há menção de trabalho anterior de um dos autores referentes ao estudo de ERICA.

(3) Excerto do artigo M6 - “All students of the selected classes were invited to participate of ERICA. More details about the design of the sample of ERICA **can be obtained in a previous publication 23**” (CUREAL *et al.*, 2019 p. 3, grifo nosso).

Em seguida, outro excerto do mesmo artigo faz menção a trabalho de outro coautor ainda referente à metodologia de pesquisa de ERICA:

(4) Excerto do artigo M6 - “The research protocol of ERICA was described by **Bloch et al.** In summary, after being selected, the schools were contacted and invited to participate in the study. ERICA data collection involved the application of a structured questionnaire, anthropometric assessment, measurement of blood pressure and blood collection. The variables used in this study were obtained by structured questionnaire, filled by the adolescents on their own, inserted into an electronic data collector (personal digital assistant – PDA).” (CUREAL *et al.*, 2019 p. 3, grifo nosso).

Nos excertos (3) e (4), o trabalho autocitado vem acompanhado de complementos linguísticos que indicam, de modo mais explícito, que o seu conteúdo está interligado com o assunto tratado no presente artigo. No excerto (3), com “*can be obtained in a previous publication 23*”(pode ser obtido em uma publicação anterior); no excerto (4) em “*was described by Bloch et al. 4*” (foi descrito por Bloch *et al.* 4). Mas há recorrência também de autocitações em que trabalhos anteriores são citados sem destaque especial, como em M10:

(5) Excerto do artigo M10 - “Even though others enzymatic assays for GA have been launched into the market, currently there are only foreign suppliers available **(34)**. It makes the GA a costlier test than A1C in Brazil. Recently, we compared two different assays for GA and the price per test was around U\$ 4 to 6, in contrast with A1C test that is around U\$ 2 to 3 in Brazil **(34)**. However, this outlook is likely to change in a near future”. (FREITAS ET AL, 2019, p. 299 /4). Grifo nosso.

Ambos os artigos seguem uma mesma formatação, utilizando-se de números sobrescritos para referenciar os trabalhos mencionados, em virtude das normas Vancouver. Porém, com os excertos (3) e (4), de M6, compreendemos que os autores podem se utilizar de recursos linguísticos para destacar uma obra ou outra, se assim desejarem. No excerto (5), de M10, não há o mesmo tom de indicação, pois não há outros recursos para enfatizar a referência além do que a norma prevê. Essa comparação possibilita a reflexão acerca das maneiras que autor encontra para que sua trajetória de pesquisa esteja presente em seus textos escritos, ainda que não use a primeira pessoa em seu discurso.

Autocitação e automenção

Dos dez artigos com autocitação, apenas um usa a primeira pessoa do discurso no texto. Em L4, Maia (2019) cita três trabalhos anteriores, sendo um artigo coescrito com Braga (2017),

a dissertação de mestrado, do ano de 2013, e a tese de doutorado de 2017. No excerto destacado abaixo, temos o uso da autocitação combinada com o uso de primeira pessoa:

(6) Excerto do artigo L4 - “Em seu turno, os enunciados combativos produzidos pelos moradores do Complexo do Alemão são produtos, portanto, de letramentos de sobrevivência. Esse conceito – proposto por Adriana Carvalho Lopes e colegas em artigos recentes (LOPES; SILVA; FACINA, 2014; LOPES; SILVA; FACINA; CALAZANS; TAVARES, 2017, 2018) e também desenvolvido **em minha tese de doutorado (MAIA, 2017)** – decorre da percepção de que a sobrevivência atravessa a constituição desses letramentos e faz com que os textos produzidos com base neles emerjam de um cotidiano em que a violência se manifesta das mais diversas formas, com as mais variadas forças” (p. 969, grifo nosso).

Hyland (2003) em sua pesquisa, observou que o uso do pronome *eu* aparece com mais frequência em artigos de ciências humanas. O autor pontua que o uso do *eu* coloca um caráter mais enfático acerca das decisões referentes a abordagens de pesquisa. Assim, deixa margem para que o leitor perceba que os resultados apresentados são decorrentes de decisões pessoais que foram tomadas, portanto, poderiam não ser as mesmas se tratadas por um autor diferente. Hyland (2017) aborda, ainda, uma dicotomia comum que se faz entre *hard* and *soft sciences*, em que acredita-se que o autor, como eu pessoalizado, viva um distanciamento em relação à pesquisa quando evita sua presença explícita, como ao usar a primeira pessoa, posicionando-se, aparentemente, como apenas um técnico que manuseia dados, os quais poderiam ser manuseados por qualquer outro pesquisador, o que levaria a interpretações diversas. Assim, a marcação da primeira pessoa na autocitação em apenas um dos dez artigos nos mostra um consenso, mesmo que inconsciente, do distanciamento que se faz entre pesquisador e pesquisa. Ainda que a escrita acadêmica seja heterogênea, muitas vezes os autores dos artigos seguem padrões que se consolidam em práticas de letramentos, a fim de, possivelmente, pertencer a grupos sociais como *insiders* (GEE, 2008). A marcação da primeira pessoa, de forma explícita, assim como Boch e Grossmann (2002) propõem em relação às citações, parece ser parte de uma familiaridade e fortalecimento como autor dentro de seu grupo social.

A relação entre coautoria e autocitação foi outra questão encontrada no *corpus*. Nos dez artigos mais citados selecionados em Linguística, apenas um é escrito somente por um autor; em todos os outros, há coautoria. Nos dez de Medicina, há colaboração em todos os artigos, sendo que o artigo com menor colaboração é de três autores. Em Linguística, o *maior* número de coautores é três. Hyland (2018) aponta um crescimento, na área de Linguística, em relação às *hard sciences*, no que diz respeito às autocitações, já que os estudos têm abrangido cada vez tópicos mais diversos. Ainda, o acesso mais fácil tanto à prática de publicar, quanto à publicação

de artigos científicos em formato digital, oportuniza um percurso de fortalecimento de seus próprios trabalhos como autores e pesquisadores. Nessa perspectiva, a figura 1 faz uma comparação dos dados referentes ao número de autores em cada artigo, os autores que fazem uso da autocitação e o número de trabalhos citados.

Tabela 1 – A autocitação em artigos de Linguística e Medicina

ARTIGOS	Nº DE AUTORES	AUTORES COM AUTOCITAÇÃO	Nº DE TRABALHOS AUTOCITADOS
L3	2	2	2
L4	1	1	3
L5	2	1	2
L6	2	2	3
L7	3	1	1
M1	44	37	113
M3	3	2	4
M6	10	4	6
M7	6	1	8
M10	3	3	5

Fonte: Elaborado pelas autoras

A autocitação por parte dos colaboradores é diversa. Nos artigos de Linguística, há dois escritos por duplas, o L3 e o L5. Em L3, as duas autoras são autocitadas, sendo que um dos trabalhos referenciados havia sido desenvolvido por ambas; em L5, apenas um autor é autocitado. Em Medicina temos algo semelhante ao que acontece em L3; o artigo M10, escrito por três autores, traz em suas referências um artigo de 2016 em que os três já haviam trabalhado juntos. Ainda em Medicina, o artigo M1 conta com quarenta e quatro colaboradores, em que apenas sete deles não tem autocitação, e muitos desses autores já foram coautores nesses trabalhos autocitados. O mesmo número de artigos com marcas de autocitação nas duas áreas comprova a proposição de Hyland (2018) sobre o aumento de autocitações na área de Linguística, mas também aponta para diferenças disciplinares das práticas de letramento, se observarmos que o número de autores incluídos em um grupo na área de Medicina é maior, já que as *hard sciences* apresentam aparente caráter mais interdisciplinar, o que também acaba por elevar o número de autocitações.

Escrita colaborativa e autocitação: grupos que se fortalecem

Weeks *et al.* (2004) problematizam a escrita colaborativa presente na área de Medicina. Os autores perceberam que, no período de 1980 a 2000, houve aumento de 15% em produções

colaborativas e considerável diminuição de trabalhos individuais. Darwin e Norton (2019) defendem que a escrita colaborativa pode ser uma forma de pesquisadores iniciantes e mais experientes socializarem e trocarem experiências, portanto, uma prática benéfica para pesquisas científicas. Diante disso, é possível observarmos que a questão da continuidade de um trabalho na área e a busca por credibilidade acontece de modo individual, mas também com grupos de pesquisadores, sendo que se constrói uma associação desses autores que repetem a equipe colaborativa. Em âmbito social há um fortalecimento de grupos nesse tipo de prática de letramento, em que se notabilizam relações de poder por meio da manutenção de um capital social, que pode ser simbólico ou não, já que o pertencimento a certos grupos de prestígio traz vantagens, sejam elas simbólicas ou materiais, como o reconhecimento em parcerias prestigiosas e o acesso a oportunidades acadêmicas, profissionais (BOURDIEU, 1980).

Adiante, temos a tabela 2, que exemplifica o número de trabalhos autocitados no artigo M1, que conta com 44 autores, sendo que 37 deles são autocitados. Dentre os trabalhos autocitados, há a escrita colaborativa anterior de alguns desses autores.

Tabela 2 – Autocitação no artigo M1: escrita colaborativa em trabalhos autocitados

Escrito por um coautor	Escrito por dois coautores	Escrito por três coautores	Escrito por quatro coautores	Escrito por cinco coautores	Escrito por seis coautores
69	25	8	4	1	1

Fonte: elaborado pelas autoras

A partir dos números expressos nesta Tabela, aproximamos com o que Ioannidis (2015), estudioso da área médica, comprova em pesquisa: o uso de materiais extraídos de livros e revistas cujo autor do trabalho atual é organizador da obra citada, mesmo que não sendo o autor do texto em questão, também configura uma forma de autocitação. No artigo M1 é presente esse fenômeno, esquematizado na tabela abaixo:

Tabela 3 – Trabalhos autocitados em que há coautor e/ou organizador de livro em M1

	Um autor e um organizador	Um autor e dois organizadores	Dois autores e dois organizadores	Mesma pessoa como autor e organizador	Um organizador	Dois organizadores
ARTIGOS	2	1	1	1	2	3

Fonte: Elaborado pelas autoras

Em Linguística, o artigo L3 apresenta ocorrência semelhante, pois é referenciado um capítulo de livro escrito por Fairclough (2012), em que Magalhães, que é uma das autoras de L3, foi organizadora. Há ainda, o capítulo citado de Silva (2013), que é extraído de um livro

“Contribuições da Análise de Discurso Crítica no Brasil: uma Homenagem a Izabel Magalhães”. Ainda que Magalhães não faça parte da organização da obra e nem seja autora do texto citado, a obra é uma homenagem às suas contribuições dentro da área, por isso é possível a leitura de uma forma indireta de autocitação.

Essas duas tabelas, dessa forma, indicam a produção colaborativa em práticas de escrita e publicação científica de artigos com alto índice de impacto. Particularidades de cada área se manifestam, assim como ocorrências comuns no funcionamento da escrita acadêmica, referentes à autocitação, nas duas áreas de conhecimento em análise neste artigo.

Conclusões e sugestões para outros estudos

Apesar de termos encontrado similaridades no uso de autocitação nas duas áreas de conhecimento abordadas, consideramos que o nosso objetivo de pesquisa, que consiste em compreender funções e sentidos da autocitação na escrita acadêmica, além de problematizar a inserção dos pesquisadores em práticas de letramentos acadêmicos em distintas áreas do conhecimento foi alcançado. Podemos apontar como semelhanças encontradas o número de artigos com autocitação em ambas as áreas e a preferência pelo uso de evocação e reformulação, de acordo com Boch e Grossmann (2002), quanto à forma de referência aos trabalhos citados. Apesar deste dado comum, o número total de autocitações e de autores nas duas áreas é distinto, destacando a formação de grupos maiores na área da Medicina. Contudo, em cada ocorrência encontrada no *corpus*, isoladamente, deparamo-nos com possibilidades diversas de análise. A comparação entre os excertos (3), (4) e (5) é um exemplo disso, pois nos três casos temos a opção pelo uso de reformulação. Este recurso possibilitou indicar possíveis intenções por parte dos autores, pois cada reformulação apresenta um enfoque diferente. Logo, a não aderência a esta área do conhecimento - Medicina geral - pode ser um fator limitante metodologicamente na pesquisa que ora se apresenta, mas não desautoriza discussões de ordem discursivo-linguística que marcam a escrita acadêmica nesta área.

Os dados possibilitaram refletir, de forma particular, acerca de funções em torno do fenômeno autocitação. Os artigos em análise apontam para produções colaborativas, para a prática de autocitar trabalhos com parcerias que se repetem nessas colaborações. Esse movimento demonstra um possível propósito, por parte dos autores, em tornar públicos trabalhos contínuos dentro do mesmo grupo de pesquisa, a fim de marcar confiabilidade frente ao leitor. Além disso, a autocitação pode ser vista como instrumento de manutenção de um capital social em que os grupos fortalecem suas relações internas, mantendo relações de

continuidade, de junção de trabalhos e de percursos que possam resultar em reconhecimento e inter-reconhecimento coletivo. Como dialogado anteriormente, as produções colaborativas, especialmente na área de Medicina, apresentam aumento significativo com o passar dos anos. Portanto, a questão da presença dos autores enquanto grupo é um tema relevante na escrita acadêmica e pode ser analisada e aprofundada pelas lentes da autocitação.

Assim, consideramos que a autocitação é um fenômeno recorrente na produção acadêmica, não só na forma individual, mas também de forma colaborativa, apresentando conexões com outros fatores que permeiam a escrita acadêmica, como funcionamento nacional e internacional, com recursos, de grandes agências de fomento. Por essas razões, a autocitação merece ser estudada e entendida dentro do contexto em que se insere. Discussões desta natureza continuam em vigor pelas autoras deste artigo, em parceria com outros grupos de pesquisa, ora mencionados anteriormente, a fim de aprofundar compreensões em torno de práticas de escrita acadêmica, de respectivas publicações em periódicos e de índices de impacto dos textos em distintas áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BOCH, F; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: Alguns Elementos de Comparação entre Especialistas e Principiantes. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002.

CAPES. **CAPES melhora ferramentas de avaliação da pós-graduação**. 2019. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/36-noticias/9730-capes-melhora-ferramentas-de-avaliacao-da-pos-graduacao>. Acesso em: 10 set. 2020.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 309 p.

CURRY, M. J.; LILLIS, T. Estratégias e táticas na produção do conhecimento acadêmico por pesquisadores multilíngues. *In*: FIAD, R. S. (org.) **Letramentos acadêmicos: contextos, práticas e percepções**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 11-64.

DARVIN, R; NORTON, B. Collaborative Writing, Academic Socialization, and the Negotiation of Identity. *In*: HYLAND, K. HABIBIE, P. **Novice writers and scholarly publication: authors, mentors, gatekeepers**. Vancouver: Springer International Publishing, 2019. p. 177-194.

FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Referências. **Guia de Apresentação de Teses**. São Paulo, 2017. Disponível em: http://www.biblioteca.fsp.usp.br/~biblioteca/guia/i_cap_08.htm. Acesso em: 10 set. 2020.

FUZA, A. A escrita acadêmica-científica como prática social: diálogos com os discursos oficiais. *In: FIAD, R. S. (org.) Letramentos acadêmicos: contextos, práticas e percepções.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 65-98.

HYLAND, K. Self-Citation and Self-Reference: Credibility and Promotion in Academic Publication. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 54, n. 3, p. 251-259, 2003.

HYLAND, K. English in the disciplines: arguments for specificity. **Journal of English for specific purposes at tertiary levels**, Hong Kong, v. 1, p. 5-23, 2017.

HYLAND, K; JIANG, K. Changing patterns of self-citation: Cumulative inquiry or self-promotion? **Text and Talk**, v. 38, n. 3, p. 365–387, 2018.

IOANNIDIS, J. P. A. A generalized view of self-citation: Direct, co-author, collaborative, and coercive induced self-citation. Califórnia. **Journal of Psychosomatic Research**, v. 78, p. 7-11, 2015.

LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in higher education**, London, v. 23, n. 2, p. 157-170, jun. 1998.

LEA, M. R.; STREET, B. V. The “academic literacies” model: theory and applications. **Theory into Practice Fall**, v. 45, n. 4, p. 368-377(e), 2006.

LILLIS, T. Ethnography as method, methodology, and “deep theorizing”. closing the gap between text and context in academicwriting research. **Written Communication**, v. 25, p. 353-388, 2008.

OLIVEIRA, A. R. de. Do relato de experiência ao artigo científico: questões sobre gênero, representações e letramento na formação de professores a distância. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 16, p. 307-320, 2012.

RODRIGUES, D. L. D. I. **Escrita de pesquisa e para pesquisa**. Belo Horizonte: Puc Minas, 2018.

WEEKS, W. B; WALLACE, A. E; KIMBERLY, B. C. S. Changes in authorship patterns in prestigious US medical journals. **Social Science & Medicine**, p. 1949-1954, 2004.

Como referenciar este artigo

FISCHER, A.; FERREIRA, K. M.; SILVA, R. Escrita acadêmica em artigos científicos: autocitação em diferentes áreas disciplinares. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. 3, p. 1257-1271, set./dez. 2020. e-ISSN:1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v24i3.14160>

Submetido em: 20/06/2020

Revisões requeridas: 28/07/2020

Aprovado em: 05/08/2020

Publicado em: 01/09/2020